

Fonte: A Gazeta
Data: 03.01.55

Class.: PIX-anteadutos
Pg.: 12 480

EXPLORANDO O RIO LIBERDADE

Expedição a um desconhecido afluente do Xingú

A organização da expedição — O roteiro — O pessoal — A partida — O linguajar característico dos sertanejos — O primeiro dia de viagem — A cachoeira Von Martius — Uma cachada frustrada — Varias

(Especial para A GAZETA) ... os três irmãos começaram a ser conhecidos em todo o Brasil, sendo de grande interesse de toda a imprensa nacional e estrangeira. Hoje, há já mais de nove anos após a primeira reportagem, incansáveis mais esta, que focaliza a expedição ao desconhecido rio Liberdade. O acampamento base dos irmãos Villas Boas, que o dirigem como funcionários do Serviço de Proteção aos Índios, está localizado no Alto Xingú, entre as tribus Camaiurá e Uaurá. Daí partiu a expedição que ele focaliza nesta reportagem. Os sertanejos que constituem os trabalhadores da expedição, foram para lá levados desde o rio Araguaia. Como a maioria dos habitantes do Araguaia, é proveniente do Norte e Nordeste do Brasil, Orlando Villas Boas introduz fielmente o seu "linguajar" característico. Esta é a primeira de uma série de reportagens que publicaremos nas próximas edições.

Liberdade, e finalmente, publico o curso desse rio até às cabeceiras.
O PESSOAL
Pelo Ministério da Aeronáutica, o major José Leal Netto, responsável pelos trabalhos contidos no plano. Custódio Netto Jr., encarregado do levantamento e das coordenadas; Lauro Kluppel, auxiliar imediato. Um avião "Loostar" da FAB, pilotado pelos oficiais, major Esrom Saldanha Pires e cap. Latitro Kluppel Jr., foi cedido para o transporte de materiais e trabalhadores contratados na região do Araguaia. Pelo serviço de Proteção aos Índios, o radio-técnico Vaz e para servirem de guias da expedição e responsáveis pelos contactos com os índios, braves e mansos, os autores deste relato, Orlando, Cláudio e Leonardo Villas Boas.



Destinando o Xingú

Antes de atingir a foz do Liberdade, a Expedição terá pela frente o mais sério obstáculo da viagem: a Cachoeira de Von Martius, enorme pedral que o Xingú atravessa rugindo e espumando, erguendo-se em cavaleiros de água e voltando em rebojos perigosos. São na verdade dois pedrals, não muito distantes um do outro e foi o etnólogo alemão Von den Steinen quem lhes deu o nome, quando navegou o Xingú em 1886. Em alguns mapas vem assinalado Cachoeira ou Salto Martins, dando a impressão de que se tentou abrandar o nome do grande naturalista alemão. Lembramos, a propósito, a história de um balano do garimpo que, tendo ouvido o nome de Von Martius, perguntou:
— "Vou u que?"
— "Não é Vou, é Von, Von Martius, nome de um alemão", — escla- receu alguém.
— "Pruquê? — retrucou o balano — esses alamaõ passa por aqui di "choto" (apressado, correndo), e vão dando nome nas coisas?"
O certo é que Steinen escolheu, o nome de um compatriota, para o primeiro obstáculo que encontrou em sua viagem Xingú abaixo. Não andou mal, convenhamos.

mandadas pelo cap. Castro, rijo oficial da Milícia culabana; sabemos ainda que sem tais auxílios (escultas, guias, Castro, mapas, etc.) não teria havido a celebre expedição alemã. Pois bem, por que Von den Steinen, em sinal de reconhecimento, não deu a Cachoeira um nome brasileiro?
— "Mas, voltemos à nossa Expedição. A Cachoeira de Von Martius, no Rio da Liberdade."

A PARTIDA

Dez ou doze índios infelizados na baranga assistiram ao embarque da pontalva. Permaneceram todo o tempo de braços cruzados, rindo a cada vez que um ou outro se enfiava no rio, mais afolto escorregava no pedregal e sem querer mergulhava na água do Tuatua. Ao riso dos índios juntava-se imediatamente a observação de um companheiro qualquer:
— "Pruquê océ nun sobe nu barcu nmu os otro? Num carece mola de licho, homi!"
— "Tudo arranjado e pronto, outro reclama."
— "Chega prá lá Nastação. Num tá veno qui tó aqui apertadim com a mão, dirijida a seguirte proca. carlos, recebemos a seguinte proca:
"Assimada pela presidente da Federação dos Comerciantes e pelo secretário geral do Sindicato dos Bancários, recebemos a seguinte proca."

"Fretim, mode que ele tá gritando?"
— "Sei não, blabê assim, tuma, do gosta di desayvorá" (sallentar-se). Rompem os barcos. Ainda se ouve um balano gritar para outro:
— "Boituna, ó Boituna, océ tá levando a linha flutu di pegá peira?"
— "Os barcos alinhados, um na esteira do outro, cortam as águas verdes do Tuatua e o baneiro que levitam chega até a margem, fazendo tremor os sarás. E vão rompendo."

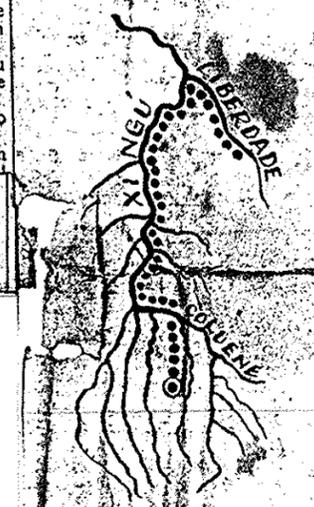
Sol a pino, as embarcações alcançam o Kuluene e investem ligeiras no curso férreo. Na popa da abama, que vai de reboque, viaja o cozinheiro da expedição, um carioca de meia idade, ralheta, habituado à vida militar, dono de bom tempero e nome suave: Paulo. Os sertanejos, entretanto, costumam chamar-lo de "roxão", devido à sua cor e estatura. É preto, tem dois anelões, pesa cent quilo, e nos braços da FAB viajam os militares, alguns sertanejos, o radiotécnico, o encarregado das coordenadas. Nas tabas do B. P. I. vão os autores deste relato: o "roxão" e Plunin, um pequeno índio Caiabi. Todos, um ou menos como "pinto fui ovo."

Ao entrardec alcançamos a confluência Kuluene-Bonuro, onde começa o Xingú.

Os índios deram a esse lugar um nome que tem sabor de poesia. Morená. Ai perfolamos. Antes houve lgreira confusão na hora de descarregar o necessário: apetrechos de cozinha, redes, armas, lampoões.

— "Da meu bano! Plunin! Num pincha qui ele caí na água!"
— "João, ó João, dá minha caneca, minino!"

E cortando tudo isso, as ordens do sargento Negreiros, sempre em tom de comando: "Vamos limpai o acampamento; peguem isso, tragam aquilo."



— "Negreiros! Negreiros!"
— "Pronto, major!"
— "Aonde está minha 22? Tem scobim (jacutinga) por aí... traça minha 22?"
— "Está aqui major!"

Aparece o cozinheiro.
— "E a trempe, sargento? Onde bonho a trempe? Preciso de um ajudante, cozinheiro, não é possível."
Rápida conferência entre o major e o sargento resultou na escolha de Domingos, para ser o ajudante ao "roxão". Domingos, rapazão franzino, amarelo, das margens do Araguaia, recebe a sua incumbência de olhos arregalados. O "roxão", sempre sereno, homem que sob o ponto de vista psicológico, já mais despeça sua farda, submeteu Domingos a um duro exame e somente depois de medi-lo de alto e baixo, é que lhe dá a primeira ordem, em seguida a segunda: a terceira.

Um jacobim incauto vem pousar bem em cima do acampamento, num galho de jatobá. Vaz empunha sua 22; Negreiros surge com outra, mas uma voz domina o ambiente: "Deixa que eu mato!"
— "Negreiros, minha 17 de pressa!"
— "Pronto, major!"
— "Guve-se, um tiro, um bater de asas..." e lá se vai um jacobim (jacutinga) voando em paz.

O lufa-lufa continua.
— "Marinheiros do Liberdade, cobrir o barco" — ordena o sargento.

— "Cubri u que?" — pergunta um sertanejo ao companheiro.
— "Acho qui é prá rebuçá as canoa" — responde outro.
— "Pruquê? O que tá lá qui só ovo di azulona..."

Velo a noite, ao pôr do sol, o silêncio envolve o acampamento de Morená. Não há ordem para distribuição das redes. Cada qual simplesmente escolhe um lugar e arma a sua. E ninguém mais se lembra das ordens do sargento do "roxão" do jacobim, nem mesmo das canoas que balançam ao sabor da corrente, amarradas na barranca do Itar.

(Continua)